

“A EVOLUÇÃO DA CULTURA DE UM HOMEM SE EVIDENCIA NOS LIVROS QUE LEU”

Antônio CÂNDIDO

(Trecho da conferência proferida em 5 de julho de 1989, na solenidade de inauguração da Biblioteca Central da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), a cujo acervo, incorporou-se, por doação da família, a valiosa coleção que pertenceu ao Dr. Aristides Cândido de Mello e Souza).

(...)

Com isto passo ao segundo tópico, relativo ao interesse que pode ter o estudo das coleções formadas por compra ou doação de bibliotecas pessoais, que chegam íntegras, com a sua fisionomia própria, sendo mantidas assim em vez de se dissolverem no todo. Por quê? Porque o estudo de tais coleções vem a ser um instrumento útil para investigar a formação das mentalidades num dado momento histórico. A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. Através desta cultura é possível esclarecer a história intelectual de um período, pois a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição progressiva de camadas de interesse, que refletem a época através da pessoa.

Na inauguração de hoje temos dois exemplos, em dois níveis bem diferentes qualitativa e quantitativamente, pois serão abertos à consulta a notável biblioteca de Sérgio Buarque de Holanda, homem ilustre, cujo nome é um patrimônio nacional, e a modesta biblioteca doada por meus irmãos e por mim, compreendendo livros que pertenceram a nossos pais e a nós próprios. A respeito desta coleção, que conheço bem, tomo a liberdade de ilustrar o que sugeri, tentando re-

constituir através dela a evolução mental de meu pai no terreno das humanidades. No terreno da medicina, sua profissão, eu não poderia fazer o mesmo por falta de conhecimentos; e aliás a sua biblioteca médica foi doada em 1960 por minha mãe à Faculdade de Ribeirão Preto. Ressalvo que, tratando-se de história intelectual, é válido estudar não apenas a formação dos homens ilustres, como Sérgio Buarque de Holanda, mas também a de um simples profissional culto, do tipo que foi meu pai, Aristides Cândido de Mello e Souza.¹

Para fazer semelhante investigação é preciso conhecer mais ou menos a biografia do sujeito, mas mesmo quando esta falta no todo ou em parte, a verificação da entrada dos livros no acervo, pela data de aquisição, é elemento importante. No caso presente, levo a vantagem de conhecer a vida de quem formou e possuiu a biblioteca, cujos livros trazem freqüentemente elementos que permitem datar a sua aquisição. Um requisito básico seria que a biblioteca estivesse completa, o que não acontece com esta de que falo, pois ela inclui apenas parte dos livros de meus pais e equivale mais ou menos a um quinto de nosso acervo familiar. Mas como conheço o todo, posso trabalhar com a parte. E antes de proceder rapidamente à demonstração por meio de amostras significativas, repito os termos da minha sugestão: estudar a formação de uma cultura pessoal por meio da biblioteca, vista como estratificação de sucessivas camadas sedimentadas ao longo do tempo de uma vida, que pode servir de índice para o conhecimento da época. No caso de meu pai, vida relativamente breve, pois ele morreu com 56 anos, mas suficiente para se ter um panorama da adolescência à plena maturidade. E entre parênteses uma ressalva: não mencionarei as grandes obras clássicas que estão presentes em todas as bibliotecas de algum relevo e entraram na de meu pai desde o tempo do ginásio: as de Homero, Virgílio, Dante, Camões, Cervantes, Milton, Shakespeare, etc.

A primeira camada se formou aqui em Campinas, nos anos de 1901 a 1903, quando ele estudava no Ginásio do Estado, que mais tarde readquiriu o nome inicial de "Culto à Ciência". O local e data de compra dos volumes são freqüentemente reconhecíveis pela etiqueta da Casa Genoud e o carimbo que o adolescente apunha nas folhas de guarda ou do rosto. Há um núcleo de divulgação filosófica e científica, um núcleo de história e um núcleo de literatura. O primeiro deles é constituído por obras tributárias do evolucionismo e do materialismo corriqueiro, como *As mentiras convencionais da civilização*, de Max Nordau; *O homem e a ciência*, de Luís Büchner; os opúsculos de Herbert Spencer, como *Lei e causa do progresso*, *Classificação das ciências*, etc., tudo em

(1) Sobre o Dr. Aristides Cândido de Mello e Souza, ver em o nº 130 desta publicação (abril/junho de 1988) o artigo "Balanço positivo de uma vida", também da lavra do Professor Antônio Cândido.

traduções portuguesas. Em história, a obra completa de Oliveira Martins. Em literatura, Eça de Queirós, destacando-se *O crime do Padre Amaro*, anotado com lápis anticlerical, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira. Sem falar na grande novidade do momento, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que foi no moço ginásiano o impacto inicial dos problemas do País.

A este primeiro estrato campineiro formador se superpõe, de 1905 a 1910, um segundo estrato, agora carioca, que demonstra o amadurecimento do estudante de medicina. Os textos básicos que nutriam o materialismo evolucionista são nesta fase mais densos e importantes, todos em traduções francesas: *A origem das espécies*, de Darwin; *História da criação dos seres organizados*, de Haeckel; *Princípios de Biologia* e *Princípios de Sociologia* de Spencer, aos quais se junta o *Curso de Filosofia Positiva*, de Augusto Comte. O estudante consolidava o seu materialismo ateu e em literatura mergulhava nos cépticos e ironistas: Anatole France, Machado de Assis, Alphonse Daudet. O setor brasileiro era representado pelos críticos e sociólogos: Sílvio Romero, José Veríssimo, Manoel Bonfim - este, anotado com particular interesse.

Uma terceira camada se formou de 1911 a 1914, centralizada por uma estada do médico recém-formado na Suíça e na França, de dezembro de 1911 a dezembro de 1912. Nota-se uma acentuada inflexão nos interesses, surgindo a paixão pela obra de Ibsen, que ele adquiriu toda em tradução francesa; aparecem edições de Goethe e Schiller; os romancistas prediletos são agora de tendência analítica, como o esquecido suíço Edouard Rod, ou então reconstrutores simbólicos do passado, como Maxime Formont e Dmitri Merejkovski, este último, portador de um toque místico. Comparecem também os livros de Tolstoi e de escandinavos na moda, como Knut Hamsun e Selma Lagerlof, além dos italianos Verga e Fogazzaro. Traço novo são os livros sobre música e estética, de Édouard Schuré, Henri Lichtenberger, Camille Mauclair, Charles Lalo. Os filósofos lidos têm agora corte idealista, ao modo de Fouillée, Guyau, Boutroux, Séailles e alguns hoje esquecidos de todo, como Gabriel Dromard e o pai de Jean Paulhan, Frédéric Paulhan. As novas leituras mostram que a experiência européia estava fazendo o jovem médico sair do materialismo corriqueiro e do cepticismo. E que no terreno da poesia tinha adquirido o gosto, que iria perdurar, pelas *Flores do mal*, de Baudelaire.

O momento decisivo da camada seguinte, que é a quarta, são os anos de 1915 e 1916, quando ele fez o famoso curso de Manguinhos, sob a direção de Oswaldo Cruz. Então, não apenas reviu a sua formação científica em doze meses de trabalho intenso, mas descobriu os três autores que dali por diante seriam prediletos, a ponto de eclipsarem os

citados antes, salvo Ibsen: Dostoievski, Nietzsche e Bergson. Tendo partido do materialismo entremeado de cepticismo, tendo recebido a seguir certa influência do idealismo e do esteticismo, o jovem médico chega com trinta anos de interesse pela filosofia do impulso vital, aguçado pelo sentimento trágico e o senso das profundezas do ser, tudo resultando numa visão bem mais complexa da vida. Até o fim da sua, lerá e releerá esses autores, encontrando neles o alimento intelectual de que necessitava. E como era o tempo da Primeira Grande Guerra, a sua biblioteca se enche de obras sobre os problemas históricos, políticos e sociais ligados ao conflito. Livros de Bülow, Bernardini, Neumann, Tannenbergl, Le Bon, Levisse, Santayana, além de biografias e memórias dos generais de ambos os lados. Surgem também os livros sobre a Revolução Russa de 1917, de Kautski, Laudau-Aldanov, Roger Levy, biografias de Lenin e Trotski. Lê também então com grande interesse o poeta belga Émile Verhaeren e descobre Romain Rolland, cujo idealismo pacifista o atraíu e cuja obra adquiriu toda.

Quinta camada seria a dos anos que vão de 1920 a 1928, formada na maioria por autores brasileiros do momento, como Antônio Torres, Monteiro Lobato, Gilberto Amado, Gastão Cruls e outros, além das publicações sobre o momento político (objeto constante do seu interesse) e as obras de Oliveira Viana.

De novembro de 1928 a dezembro de 1929 Aristides de Mello e Souza passou mais um ano na Europa, atualizando os conhecimentos médicos; é curioso verificar que não entram nessa altura novos livros de filosofia, como se os de Nietzsche e de Bergson continuassem bastando. Em compensação, ocorre uma atualização da literatura francesa, com os livros de Marcel Proust, Paul Valéry, Paul Morand, Francis Carco, Jean Cocteau, Jules Romains entre outros, que formam a sexta camada de sua biblioteca de humanidades. Dali por diante não aparecerão mais nela, por sua iniciativa, novos livros de literatura em escala apreciável. Prefere ficar com as de crítica sobre Dostoievski e Nietzsche.

A sétima camada corresponde ao decênio de 1930, último de sua vida, pois morreu no começo de 1942. Avultam nela livros de tema político, que sempre apaixonaram esse democrata liberal. São obras sobre o nazismo e o fascismo, a Rússia soviética, o perigo da guerra, os problemas brasileiros do momento, além de muitos da grande produção que naquele momento se avolumou sobre a nossa história e vida social, como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre e os volumes de vária natureza da coleção "Brasíliana" organizada por Fernando de Azevedo na Companhia Editora Nacional.

No campo da filosofia, um traço novo: certo interesse pela obra de Keyserling, mas sobretudo pela dos existencialistas cristãos rus-

sos Berdiaev e Chestov, que conheceu através dos livros que escreveram sobre Dostoievski. Sobre Dostoievski, aliás, foi a sua última leitura, deixada em meio pouco antes de morrer: a biografia escrita por Henri Troyat, o primeiro a revelar em língua francesa os novos materiais informativos divulgados pela crítica soviética.

Com isto eu quis sugerir o interesse que pode haver na exploração das coleções, dentro das bibliotecas gerais, para o estudo da história mental de um dado período, através da sedimentação das leituras de uma pessoa representativa, eminente ou não. No caso de meu pai há um esclarecimento a fazer: a sua grande cultura humanística não substituiu a cultura médica, mas formou-se ao mesmo tempo que ela e com ela coexistiu sempre. De fato, a maioria absoluta de sua bibliografia era formada pelos livros de medicina; eram as leituras de medicina que ocupavam a maior parte do seu tempo e quanto a elas procurava estar rigorosamente atualizado. Uma segunda observação sobre o seu caso, esta de ordem geral: uma investigação como a que apenas sugeri serviria também para mostrar qual era o tipo de formação ideal visada pela sua geração de médicos - formação que naquele tempo de medicina relativamente menos científica era inseparável da cultura humanística. Era esta a tradição que vinha de Francisco de Castro e se manifestava de maneira brilhante em dois eminentes professores, ambos mortos precocemente na quadra dos quarenta anos, que influíram em meu pai na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: seu tio por aliança Pedro de Almeida Magalhães e seu cunhado Miguel Pereira, de quem foi interno, assistente e fiel discípulo.

Terminando, eu diria que uma investigação do mesmo tipo poderia ser feita em relação à biblioteca pessoal de minha mãe, da qual uma parte foi agora doada à Universidade Estadual de Campinas. Tal investigação mostraria de que maneira uma moça educada em colégio de freiras no começo do século XX passou das leituras "pour jeunes filles" a Paul Bourget, dele a Stendhal e Balzac, deste a Péguy, Claudel, Bernanos, Simone Weil; e de um catolicismo convencional à posição avançada do movimento Economia e Humanismo, através das revistas e dos livros dos dominicanos franceses renovadores. Mas isto seria ir longe demais nesta circunstância. O que desejei foi apenas aproveitar a inauguração desta nova Biblioteca a fim de sugerir o aproveitamento possível das coleções individuais para investigar a nossa história mental.

(Transcrito do "Jornal da Unicamp", agosto de 1989)